



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Corpo: A tradição negra brasileira e a construção do estético/artístico contemporâneo

Jonas de Lima Sales

Universidade de Brasília (UNB)

Jn_sales@ig.com.br

Diante das diversas formas expressivas que nos propõem estéticas apreciativas na nossa atualidade, tais formas constantemente estão diante de contextos sejam sociais, culturais, políticos, antropológicos, artísticos, que nos conduzem a refletir a respeito das formas apresentadas para a nossa fruição e entendimento por meios de linguagens construídas por nós humanos. O ser humano, sendo o único animal cultural, estabelece invariavelmente códigos que propiciam a complexidade da comunicação e expressão humana, assim sendo, faz-se pertinente perceber o mundo do sensível e do indizível que o campo da Arte propicia e em particular as maneiras com que o corpo busca mostrar a intimidade contida no ser humano.

Pensando na elaboração e na composição de formas de linguagens por meio do corpo, inicia-se aqui uma reflexão de como as linguagens estético/artísticas advindas da tradição de etnias africanas e enraizadas na cultura brasileira por meio de sua descendência podem corroborar com as manifestações e produções artísticas na atualidade.

Para iniciar este caminho de pensamentos, proponho que remetemo-nos à estética a partir do grego *αισθητική* ou *aisthesis*, concebendo a ideia da percepção, da sensação. Neste sentido, é interesse que nesta comunicação vislumbremos o sentir e perceber as formas estéticas no nosso cotidiano para que possamos construir e reinventar a linguagem da arte que se instala na contemporaneidade.

Refletir a contemporaneidade à luz das formas estéticas da tradição é fator preponderante para que os processos de criações artísticas exerçam uma consolidação na memória de sua sociedade sem que tais produções se esvaziem no decorrer da história. Marcar-se como resultado e elemento simbólico de um grupo social é uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

conquista para qualquer produção artística que se propõe a comunicar-se com o seu povo, o seu público, fixando suas características para uma provável marca de e na tradição cultural.

1ª Reflexão - O Nosso corpo sente e apreende saberes.

O nosso corpo é o canal que permeia todas as formas de sentir, é por meio do corpo que os sentidos se manifestam proporcionando a percepção e o encorporamento dos códigos do fenômeno estético e transformando assim em saberes, conhecimento. Para Hühne (1994) o fenômeno estético gera saberes a partir da experiência estética vivenciada pelo indivíduo. Neste sentido, em nossa vivência diária apreendemos códigos que servem como elementos para a construção de nossa cultura, o nosso corpo se molda a cultura provocando estéticas que sugerem leituras,

o corpo representa o fundamento, a origem e o princípio da cultura, enquanto que esta significa o prolongamento e a potencialização de nossa somaticidade. Inclusive as criações técnicas mais complexas mantêm a marca de sua adaptação à corporalidade. Não é necessário ver esse prolongamento do corpo na cultura como compensação de uma deficiência [...] por outro lado, a organização geral da cultura dirige-se à satisfação das necessidades humanas, mesmo que essas, na própria cultura, sejam complicadas e recriadas. (PARÍS, 2002. P.66)

As experiências a partir das sensações somáticas vivenciadas por cada um de nós é sem dúvida um campo aberto para novas descobertas e apreensão de conhecimentos. O corpo que se dispõe a sentir estará apto a receber e sistematizar saberes. O corpo expande significados a partir das experiências contidas nele, assim sendo, a Arte, a poesia, a pintura, a dança apresentam-se como conhecimentos cuja racionalidade é marcada pela estesia do corpo, nuançando sentidos amplos para a comunicação, a expressão e os atos de significação (NÓBREGA, 2009.p.19).

É necessário que tenhamos como referência o corpo como porta de entrada para o sentir e a partir das sensações provocadas por este sentir, transformá-las em conhecimentos para que a recriação estética, interesse em foco neste discurso, aconteça.



As experiências são frutos de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, maquiagem emocional etc.), de nossas relações com nosso ambiente físico (mover, manipular objetos, comer etc), e de nossas intenções com outras pessoas dentro da nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos).(GREINER, 2007. p. 46)

O corpo recebe as informações necessárias para processar os saberes que construímos ao longo da vida. O saber se insere no conjunto que é o corpo, por isso, é importante que entendamos que só sabemos que a rosa tem cheiro suave porque foi possível que sentíssemos através do olfato o odor que expele, que o céu é azul porque percebemos através da visão, que o abacaxi tem casca áspera porque o tato proporciona este sentir, que o limão é azedo porque o paladar sente e que a valsa tem ritmo contínuo porque é sentido o registro desta sonoridade através da audição. Desta forma, o resultado dessas percepções a partir dos sentidos, que se compõem em um corpo, sistematizam-se em conhecimento, em saberes para o indivíduo. O corpo não é uma ideia ou mesmo uma associação de órgãos, mas um campo aberto de múltiplas possibilidades do conhecer (PORPINO, 2009, p.61).

Conhecer é processo inerente ao homem e o seu organismo vivencia tal processo, o conhecimento se dá através de um corpo que está incluído em um meio natural e social que se convergem para a edificação de um ser simbólico. Neste sentido, aponta Porpino (2009),

O conhecedor não se dá a partir de uma relação instrutiva que parte do meio para o indivíduo, pois a estrutura desse último é que determina as mudanças que ocorrem como resposta a tais perturbações provindas do meio. Este apenas desencadeia possíveis mudanças. A ideia de que o ser humano é estruturalmente determinado para responder às perturbações qual somente este determina as mudanças. Porém, os autores ressaltam a congruência e a reciprocidade da relação entre meio e ser vivo que permitem perturbações mútuas entre ambos. (p.63)

Na construção de saberes, o corpo é a porta sensorial para a entrada das sensações que se transformarão em conhecimento, e é pertinente que deixemo-o aberto para que possamos ser humanos capazes de se apropriar de códigos e símbolos para provocar reconstruções e resignificações vislumbrando o campo do estético, no qual se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

entende como estético, o campo geral da Estética, que inclui todas as categorias pelas quais os artistas e os pensadores tenham demonstrado interesse e não só o **belo** (SUASSUNA, 2002, p. 20).

2ª reflexão – Da linha do corpo ao corpo

Perpassando os saberes sensíveis da humanidade, indiscutivelmente a Arte é uma fonte de experimentos que se consolidou no decorrer de nossa história de maneira pontual e cicatrizante, permitindo que nós nos víssemos através dela e que assim, imponhássemos marcas que caracterizam nossa passagem no planeta.

A arte é a primeira linguagem humana, antes mesmo da oralidade sistematizada nas diversas civilizações, e o corpo é o elemento preconizador desta forma de comunicação. O Corpo foi o propositor das primeiras manifestações do homem, quer seja ao tracejar linhas nas paredes rochosas, ou em movimentos ritmados para agradecer a caça, o corpo está presente desde os primórdios para confirmar a presença humana como animal capaz de significar e comunicar o indizível. Desta forma, o homem significa o mundo, se torna deus e se apropria da criação divina e recria. Este homem, reproduz a realidade vivenciada evocando a poesia de sua alma, o corpo se emana da virtude poética que lhe foi concedido. Através do corpo busca-se um fazer-dizer.

Através da observação do modo como esse falar se produz surge a percepção de que existe, dentre os distintos tipos de fala, um que inventa o modo de dizer-se. Ele se distingue exatamente por não ser uma fala sobre algo fora da fala, mas por inventar o modo de dizer, ou seja, inventar a própria fala de acordo com aquilo que está sendo falado. Essa modalidade de fala será aqui denominado de fazer-dizer. (SETENTA, 2008. P. 17)

O Corpo busca incansavelmente o fazer-dizer, comunicar-se com o mundo em sua volta e nesta necessidade de expressar o seu mundo, vai se fazendo dizer e significando esteticamente o seu entorno.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O desenvolvimento do intelecto humano permitiu que, além da fala, fossem adquiridas as capacidades de ler e escrever. Com isso, a evolução do conhecimento do homem sobre si próprio e sobre a natureza foi uma questão de tempo, como um processo não acabado, que segue entre ociosos de construção e desconstrução de ideias. (NARLOCH, 2007. p.29)

Pensando na origem da humanidade, tenhamos o continente africano como a terra de origem do homem e conseqüentemente do homem descobridor e criador. Nesta proposição, relembremos o processo de migração do homem pelo planeta e tenhamos fixamente o continente africano com as suas diversas etnias uma mãe que nos oferece uma gama de possibilidades estilísticas e estéticas que perduram nos diversos âmbitos da cultura das diversas civilizações espalhadas no planeta.

Não pensando na cultura deste continente como cor, e sim como pura tradição de povos que incutiram e firmaram sua cultura com tamanha força e características específicas em diversos lugares do mundo, vislumbremos o notório legado desses povos para nossa civilização brasileira, perpetuando uma fisicalidade de sua Arte e de uma estética ímpar que contribui constantemente para a reorganização simbólica da Arte na contemporaneidade, e neste universo, o corpo abarca essa complexidade de costumes, memórias, simbologias. O corpo possui uma linguagem simbólica que traduz as experiências humanas vivenciadas na relação com o outro, evidenciando os elementos que integram a cultura na comunidade (Gomes, 2007. p. 175)

Para adentrarmos no universo de nossa Arte brasileira, do nosso corpo brasileiro, remeto-me à apropriação do pintor espanhol Pablo Picasso em sua obra *As moças de Avignon* em que a partir de suas pesquisas e vivências no continente africano, esse artista interage em um diálogo com as estéticas das máscaras africanas compondo em sua obra uma união de culturas e provocando aberturas para um novo estilo de pintar, para uma nova estética artística. Desta maneira, é possível perceber a riqueza estética que as diversas manifestações da cultura dos povos do continente dito negro pode oferecer, e assim, o artista se utilizou de uma forma de cultura estética da tradição para ressignificar sua obra moderna, configurando uma perspectiva da recriação artística a partir dos elementos estéticos tradicionais da cultura humana.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Neste ensejo, parto agora dos corpos das moças retratadas com traços quebrados, rostos deformados e mascaradas como provocação para percebermos o quanto a estética da tradição africana possibilita a recriação de novas estéticas no universo da arte e consequentemente da Arte brasileira contemporânea. Picasso busca seu referencial africano e acrescenta a corpos femininos brancos, máscaras com formatos e traços que fogem ao padrão de beleza comum, e assim, constrói-se uma interculturalidade na pintura exposta.

Assim como Picasso, outros artistas se apropriam de características da cultura tradicional para contemporaneizar suas obras adotando deste modo, para novas leituras do fenômeno estético antes configurado como uma forma específica da tradição. Há de lembrar que na atualidade existe uma tendência em não só vivenciar a interculturalidade na arte e na cultura em geral, mas também o hibridismo, pensando *hibridismo artístico* como a impossibilidade de conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea (NARLOCH, 2007. p.32)

Cabe nesta contemporaneidade, discutir e vislumbrar possibilidades em que as formas híbridas da criação humana tornem-se uma possibilidade de sensibilizar e oferecer conhecimento, bem como levar o indivíduo a se identificar enquanto ser que compõe uma sociedade com características específicas e ao mesmo tempo dinâmicas inculcando novas manifestações estético/artísticas no âmbito da Arte, favorecendo novas abordagens e reflexões no campo do fazer-dizer o indizível e levando-nos a compartilhar novas mensagens em linguagens diversas e que o corpo seja um dos vieses fundamentais para a perpetuação da comunicação humana e sua linguagem. Que o corpo não seja apenas linhas em telas, mas corpo presente e significativo.

3ª reflexão – O corpo em movimento: estéticas da tradição em corroboração com as estéticas contemporâneas

Muitas vezes, o pesquisador ou um estudioso da cultura de um povo, não sabe reagir e comentar as diversas manifestações que explodem como características de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

diferentes etnias e classes de sociedades distintas. Neste caso, depara-se com uma expressividade que fala por si própria, com alma própria e que comunica exatamente aquilo que não se diz meramente com a fala ou com a escrita formal, levando-nos a vivenciar experiências no campo do sensível e, por conseguinte apreender novos conhecimentos, e o corpo é canal para a entrada desta espetacularidade contida em danças e folguedos tradicionais visto que

o corpo se organiza para o espetáculo por meio de um sistema de signos que define as possibilidades expressivas do corpo nas manifestações culturais [...]. As práticas culturais são um lugar de memória coletiva, onde a subjetividade do homem se instaura; apresentam uma forma singular de construção da visão de mundo de um povo, num espaço de jogo, de brincadeira, em que são representadas as crenças e mitos da comunidade. (GOMES, 2007. p. 175)

Assim, a ludicidade e espetacularidade dessas práticas, provocam os sentidos de maneira singular em que a memória é revivida e se projeta imagens futuras. Diante das mais ricas manifestações da tradição afro-brasileira, destaco algumas que em particular trouxe até mim a experiência de descoberta de identidade. Identificação esta que acomodou novas perspectivas de processos de criação em reconhecimento de uma estética inconfundível e indizível, e só com a experiência estética diante de tais manifestações cogita-se o que se apreende destas configurações da essência humana por meio da Arte e expressão da cultura.

Faz-se importante que o homem possa imprimir sua identidade em seus múltiplos fazeres, não apenas como registro social, mas como personalidade do indivíduo que se expõe por meio de manifestações o que está impresso em sua alma. Desta forma, as possibilidades de trocas e integrações cogitando hibridismos culturais se dão atualmente com sede demasiada diante de uma sociedade que busca a cultura da globalização. A sociedade moderna está em constante dinâmica à procura de uma nova identidade, assim expõe Hall (2003, p. 14) ao dizer que as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”. Porém, considero que é importante que a tradição não seja colocada de lado em nome do contemporâneo,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

e sim que estas possam comunicar-se e fundir-se sem que percamos a dinâmica da cultura em andamento nem a força e as características da cultura tradicional, entretanto, coligarmos uma identificação cultural comum em um país tão vasto como o nosso é tarefa de difícil apropriação, pois

num país com o tamanho do Brasil, sempre se é estrangeiro. Uma extensão territorial tão vasta e diversa como a nossa transforma-se na primeira dificuldade para quem deseja acompanhar a produção que por aqui se espalha. E o primeiro impasse surge junto com a necessidade de eleger um instrumento teórico para tratar de tema identidade cultural. Pois apenas um outro entendimento das relações entre natureza e cultura pode nos levar a atravessar o espesso desconhecimento que nos cerca, se generaliza e consolida. (KATZ, p.71)

Assim, no campo desta cultura tradicional e mais especificamente da Arte, volto a chamar a atenção para feitos da arte popular tais qual o maracatu de Pernambuco e o coco de zambê do Rio Grande do Norte, dois exemplos que configuram o fazer-dizer por meio do corpo de modo em que se integram na sociedade inserindo suas marcas culturais da tradição. Trago a dança dramática e folguedos advindos da tradição africana para refletirmos como estas configurações estéticas podem dialogar com a nossa arte contemporânea na busca de leituras e releituras que evoquem o ser em sua identidade num corpo manifesto e na identificação de corporeidades.

A experiência estética do dançar pode promover a descoberta de novos sentidos para a compreensão do termo Corporeidade para além do conceito, assim como este nos ajuda a perceber a vivência estética como experiência que transcende o sentido dicotômico de corpo ainda forte no ocidente. O diálogo entre Corporeidade e Estética leva-nos a pensar na existência humana a partir de bases epistemológicas que incluam a recursividade e a dialógica presentes nos processos de conhecer. (PORPINO, 2010, p.64)

O corpo que se exprime através do movimento na tradição popular pode e deve corroborar com as composições das artes cênicas na atualidade de modo a proporcionar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a união da tradição e do contemporâneo em uma só produção de arte oferecendo novas perspectivas de estéticas para o atual momento.

Assim, vislumbrando a perspectiva da junção da tradição em colaboração para a produção de Artes cênicas na contemporaneidade, propõem-se que possamos em nossos encontros sejam na academia ou espaços outros de reflexão do fazer Cênico, que apontemos e discutamos estas manifestações espetaculares em confluência com a produção das artes neste campo da cena que instaura em nossos palcos contemporâneos.

Nas experiências com o maracatu e com o coco de Zambê, tanto dançando como apreciando os corpos em movimento, percebi as energias contidas para refutar que a tradição não é uma forma estatificada do passado, mas sim uma prática do instante que pode conduzir a elaborações estéticas que cristalizem-se condensadamente na vivência do corpo em cena, pois

O corpo apreende e transmite a percepção do homem sobre suas circunstâncias, percepção, história, lugares, não lugares e entre lugares da sua existência no universo. Comunica dimensões do sensorial, do cognitivo, do real e do imaginário de cada um, configurando seus diferentes níveis de relações [...] A linguagem simbólica e subjetiva do corpo evidencia elementos que fazem parte da cultura de uma comunidade, seus papéis, identificações e repertórios (GOMES, 2007. p. 175).

Neste sentido, a elaboração de estéticas dos corpos a partir das diversas manifestações populares como possibilidades para a construção do conhecimento sensível proporciona saberes para o corpo que se presencia na cena para uma plateia de apreciadores, e esta plateia se encontra apta a dialogar com o que está sendo apresentado como resultado estético, e neste diálogo os saberes que o corpo que se apresenta expõe, serão recepcionados pelo público apreciador que daí então, passará a reconhecer os códigos apresentados, e deste modo, a tradição será incorporado também a partir de sua fruição.

As linhas estilísticas da dança foram se agregando a valores no decorrer de nossa história caracterizando-as disso ou daquilo, e muitas vezes, não se permitindo dialogar,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No entanto, as danças tradicionais, populares e eruditas, impregnadas com um caráter imutável na sua estrutura formal básica, vão, ao longo do tempo, estratificando um vocabulário próprio que traduz um estilo convencional de movimentos coreográficos típicos de determinada cultura. (Robatto, 1994. P. 25)

Porquanto, na contemporaneidade, o diálogo com a tradição se faz necessário e a quebra de estilos pertinente, e o corpo precisa estar aberto a novas mutações para a cena e que canais para o metafórico sejam acrescidos pontualmente e em todo instante para que tais metáforas não sejam apenas figuras de linguagem e sim símbolos, signos por meio de estéticas artísticas.

A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro vai necessariamente indicar outros aspectos do mesmo conceito. Por isso, ideias são objetos, expressões lingüísticas são como recipientes de conceitos e a comunicação é a ação de enviar, de transportar. Ou seja, a comunicação, pela sua própria natureza de operar como uma espécie de “transportadora”, já cria novas metáforas organizando o trânsito entre ação e palavra, entre dentro e fora do corpo e assim por diante. (GREINER, 2005, p. 45)

Precisa-se dar ao corpo o que é do corpo que é a essência do humano, e esta essência se encontra nas trocas. Não se pode permitir que estas as manifestações da tradição naveguem em barcos paralelos sem que estas tripulações se cruzem. Os territórios entre a tradição e o contemporâneo devem ser rompidos em um diálogo propositivo que gera possibilidades para novos direcionamentos estéticos sem sufocar a história cultural que se constrói ao longo da existência do ser humano. Assim sendo, a dança por meio de manifestações da tradição como o maracatu, coco de zambê, congos, lapinhas, samba de crioula dentre outras, inserem um aprendizado no corpo que possibilita uma ampliação de vocabulário corporal bem como uma outra forma de se apropriar dos nossos corpos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Célia Conceição Sacramento. Corpo e interfaces. In: BIÃO, Arlindo.(Org.)
Artes corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia.

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo:
annablume, 2005.

HÜHNE, Leda Miranda. (Org.). Fazer Filosofia. Rio de janeiro: UAPE, 1994.

KATZ, Helena. Corpo e movimento. In. GREINER, Christine & AMORIM,
Claudia.(Org.) Leituras do corpo. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

PARÍS, Carlos. O Animal cultural: biologia e cultura na realidade humana. São Carlos:
EdUFSCar, 2002.

NARLOCH, Charles. Das artes liberais ao hibridismo: as revoluções dos conceitos nas
artes visuais. In: LAMAS, Nadja de Carvalho. Arte contemporânea em questão.
Joinville/SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke,2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrócia (Org). Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte,
ciência, filosofia e educação. Natal/RN: EDUFRN, 2009.

PORPINO. Karenine de Oliveira. Dançar é educar: refazendo conexões entre corpo e
estética. In: NÓBREGA, Terezinha Petrócia (Org). Escritos sobre o corpo: diálogos
entre arte, ciência, filosofia e educação. Natal/RN: EDUFRN, 2009.

SETENTA. Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade.
Salvador: EDUFBA, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SUASSUNA, Ariano. Iniciação a estética. 5ª Ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

ROBATTO, Lia. Dança em processo, a linguagem do indizível. Salvador: EDUFBA, 1994.